

## HIPNOSE

*Dr. George Alakija  
Médico psiquiatra, hipnologista,  
ex-secretário geral da Confederação  
Brasileira de Hipnologia, Vice-Presidente  
da Associação Bahiana de Hipnose Médica.*

**RESUMO** - *Este estudo da rota evolutiva da Hipnologia, sob os aspectos histórico, conceitual e metodológico, pretende ser uma contribuição para se desfazer as concepções distorcidas sobre o assunto. A hipnose aqui considerada como uma técnica médico-psicológica, com largo emprego na Psicologia, na Medicina e na Odontologia, é um atestado de que aquela prática se desvencilhou, com o decorrer dos tempos, da magia e do ocultismo, para ocupar lugar de destaque no meio científico.*

**ABSTRACT** - *This study of Hipnology evolutive way under historical, conceptual and methodological views, is intended to be a contribution to remove misconception about the subject. Hypnosis is showed here as a medical and psychological technic of wide utilisation in Psychology, Medicine and Dentistry, testifying so it escape from magic and occultism to occupy the right place in scientific field.*

Hipnotizar, hoje em dia, é uma técnica médico-psicológica. Qualquer pessoa que a estude e pratique conseguirá resultados, não existindo, portanto, como se acreditava no passado, força ou poder hipnótico. É verdade que umas terão mais facilidades do que outras, do mesmo modo que acontece com a aprendizagem de uma língua estrangeira ou de uma arte.

O hipnotismo vem de remotíssimo passado. A primeira relação hipnótica teria ocorrido quando Deus adormeceu Adão, para fazer ablação de uma costela. Foi o Dr. Francisco Fajardo o responsável por essa afirmativa, evidentemente, nascida do seu humor peculiar, em 1889<sup>1</sup>. Mas, deixando à margem esse marco, irreverente, a verdade é que os fenômenos hipnológicos pertenceram aos deuses, ao diabo, aos astros, ao homem e, finalmente, à ciência onde podem ser identificados, produzidos e, até certo ponto, explicados através da Psicologia, da Neurofisiologia e da Cibernética.

Essa longa caminhada da Hipnologia poderá ser melhor compreendida, se a estudarmos dentro de um esquema didático onde focalizaremos sua rota evolutiva sobre diferentes aspectos:

- A) EVOLUÇÃO HISTÓRICA**
- B) EVOLUÇÃO CONCEITUAL**

## C) EVOLUÇÃO METODOLÓGICA

Isso feito, analisaremos o seu posicionamento atual na Psicologia, na Medicina e na Odontologia.

### A) EVOLUÇÃO HISTÓRICA

De acordo com o Dr. FERNANDO NEGRÃO PRADO, médico psiquiatra, os sumerios, que antecederam à catastrófica inundação na Mesopotâmia, 4000 anos A.C., já estavam familiarizados com o uso empírico dos métodos hipnóticos e os aplicavam juntamente com as fórmulas de encantamentos no campo de sua medicina anímica ou mágica. Essa é a conclusão de um trabalho seu<sup>2</sup>, fruto da pesquisa que realizou no Instituto de História da Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade de Istambul, quando lá estagiou, no início de 1980. Em 1984, um trabalho mais amplo reforçaria o primeiro<sup>3</sup>.

A pesquisa mais recente de que temos notícia coloca o marco inicial da história da hipnose, da Região da Mesopotâmia, 3500 anos A.C.. Na Caldéia, 2700 anos A.C., já se procediam curas pela fixação do olhar (op. cit., nota 1).

Os templos de sono, no Egito, não eram outra coisa senão a utilização dos estados de transe; o mesmo podemos dizer em relação aos famosos oráculos da Grécia. A vasta documentação histórica sobre a China, Índia, Pérsia não deixa dúvida sobre o fato daqueles povos manipularem empiricamente técnicas hipnóticas. Até então, todavia, todas aquelas manifestações, toda aquela fenomenologia estavam sob a regência de supostas leis ocultas, conhecidas somente por privilegiados, geralmente sacerdotes, que as guardavam com zelo e carinho, só as revelando àqueles que se tornavam iniciados nos ditos mistérios, após passarem por provas de coragem, resignação e estrutura moral. Foi o período da magia e do ocultismo.

Somente no século XVIII surgem os primeiros vislumbres de uma regência mais científica da fenomenologia hipnótica: um médico vienense de nome FRANZ ANTON MESMER apresentou como tese uma dissertação sobre o PLANETARUM INFLUXU, que era um fluido magnético que, emanando das estrelas, envolveria toda a matéria orgânica e inorgânica em todo o universo, incluindo, evidentemente, o nosso planeta. Nos organismos vivos, recebeu essa força o nome de magnetismo animal. O equilíbrio desse fluido no organismo, manteria a saúde; o desequilíbrio traria a doença. O tratamento era efetuado com imposição das mãos para transmitir fluido ao paciente (nos primeiros tempos, MESMER usava um ímã, passando depois a utilizar as próprias mãos). Essas manobras desencadeavam uma crise nervosa nos doentes que, após a mesma, melhoravam.

MESMER formou-se em Medicina em 1765. Dez anos depois, revolucionava Viena com o novo método de tratamento. Os colegas fizeram uma

campanha contra ele que, apontado como charlatão, deixou Viena em 1778 e partiu para Paris, onde, em pouco tempo, ganhou êxito e popularidade. Passou a ter um número crescente de clientes, o que o obrigou a fazer tratamentos coletivos, criando o célebre "baquet", uma mesa com pequenos orifícios em torno da qual se sentavam os pacientes, segurando cada um deles uma haste de ferro que emergia do orifício que lhe ficava à frente. Essas hastes estavam mergulhadas numa grande tina, debaixo da mesa, onde havia água magnetizada por MESMER numas garrafas, como se fossem "baterias" magnéticas. Cada paciente que entrava em crise era retirado e levado para um aposento especial, até se refazer.

Esse homem, tão amado e tão odiado, tão aplaudido e tão combatido fez escola e teve seguidores. Um novo caminho estava aberto. Mais detalhes sobre ele, consulte-se o nosso trabalho de 1959, no Boletim do Hospital Juliano Moreira.<sup>4</sup>

O magnetismo prosseguiu nas mãos de PUYSEGUR, PETETIN, DU POTET e outros. Em 1815, ao lado desses, estão também DELEUSE, BERTRANO, CLOQUET e o Abade FARIA. Este último desempenhou um papel importantíssimo pelo fato de ser um dos primeiros a voltar a sua atenção para a importância do pensamento e da imaginação do paciente; foi o precursor da utilização da sugestão verbal, enquanto todos os demais defendiam a hipótese do fluido, negando a intervenção do pensamento. José Custódio de Faria, esse seu nome completo, enxergou além da época. Foi uma novidade a utilização da palavra, para provocar fenômenos hipnóticos.

A figura do Abade Faria causou tamanha impressão que EGAS MONIZ, professor da Universidade de Lisboa, neurocirurgião, prêmio Nobel de Medicina, escreveu um livro sobre ele com finalidade de fazer justiça a um genial investigador ignorado por uns e esquecido por outros.<sup>5</sup>

O Barão DU POTET esteve em Londres, em 1837, e impressionou profundamente o médico JOHN ELLIOTSON, presidente da ROYAL MEDICAL AND SURGICAL SOCIETY, que se tornou um estudioso do assunto. JAMES ESDAILE colaborou numa revista fundada por ELLIOTSON, sob o título de "ZOJST". Médico escocês, formado em 1830, foi clínico na Índia, contratado pela EAST INDIA COMPANY. Após praticar e documentar uma série de intervenções cirúrgicas, dirigiu-se ao Governador de Bengala, solicitando apoio oficial. Seu pedido foi aprovado. Realizou mais de três mil intervenções cirúrgicas, sob estado hipnótico, sendo trezentas de cirurgia maior.<sup>6</sup>

Nota-se que o controle da fenomenologia está, sobretudo, no meio médico.

Um outro grande magnetizador foi CHARLES LAFONTAINE. Fazia demonstrações públicas, causando grande impacto. Publicou *l'art de magnétiser*<sup>7</sup> onde condensava suas teorias, seus princípios e ensinava suas técnicas.

Em novembro de 1841, JAMES BRAID, médico-cirurgião em Manchester, foi a uma sessão de Lafontaine, para desmascará-lo. Ficou impressio-

nado, porque constatou fenomenologia verdadeira; não era embuste. Foi para casa, estudou, analisou e concluiu:

Os fenômenos são reais; só que a causa não é, de modo algum, magnética; não existe fluido; tudo está dentro do paciente. O problema é bem concreto; trata-se de fenomenologia nervosa. A explicação está nas reações do sistema nervoso. Para provar isso, fez experiências com diferentes pessoas, inclusive, sua própria esposa. Conseguiu obter os mesmos fenômenos, sem os procedimentos magnéticos habituais. Em 1842, publicaria um trabalho mostrando os erros de Mesmer. Iniciava-se um novo período.

Segundo James Braid, não existe fluido algum. Qualquer manobra que canse o sistema nervoso (ele usava a fixação; mandava fixar o seu porta-lanceta) produz um estado que traz uma perturbação, pela fixidez de atenção e repouso físico. O resto depende da impressionabilidade do paciente. Aboliu o vocábulo magnetismo. Substituiu-o por neurohipnotismo e, posteriormente, por hipnotismo.

Por toda a Europa, o assunto se difunde e, também, fora dela:

WEIGHT já faz experiência na Universidade de Dublin;

Na América, surge a electro-biologia de Crimes;

Na Alemanha, surgiram os trabalhos de KARL VON REICHENBACH;

Na França, Philips (DURAND DE GROS), LITTRÉ e ROBIN E AZAM;

Na Inglaterra, os trabalhos de BRAID: 1845, 1852, 1855, 1859: THE POWER OF THE MIND OVER THE BODY - OBSERVATION IN FRANCE ON HUMAN HIBERNATION - MAGIC WITCHCRAFT, ANIMAL MAGNETISM - HYPNOTISM AND ELECTRO - BIOLOGY - THE PHYSIOLOGY OF FASCINATION AND THE CRITICS CRITICISED (op. cit., n.4).

Em 1858, o Duque de Saldanha, em Portugal e o Dr. Antônio Ferreira Moutinho aconselhavam o uso do hipnotismo na prática médica e cirúrgica.

James Braid faleceu, subitamente, no dia 25 de março daquele mesmo ano, deixando, porém, uma profunda modificação no que diz respeito à produção e interpretação dos fenômenos hipnóticos. Para se compreender bem isto, basta fazer um levantamento dos acontecimentos posteriores:

1865 - Os trabalhos de LIEBAULT e a criação pelo mesmo, em Nancy, de uma clínica para tratamento pela sugestão;

1872 - Trabalho de HACK TUKE sobre a influência da mente sobre o corpo: na saúde e na doença;

1875 - Trabalho de CHARLES RICHET sobre os assuntos sonambúlicos;

1878 - O famoso neurologista francês, CHARCOT, no Hospital da Salpêtrière, apresenta aos médicos o hipnotismo, através de brilhantes conferências e demonstrações;

1882 - O Dr. BERNHEIN expõe a sua interpretação dos fenômenos hipnóticos que difere profundamente da de Charcot.

Os trabalhos de LIEBAULT revelam um conhecimento profundo da arte de suggestionar e parecem que foram escritos nos nossos dias, co-

mo é o caso da sua obra sobre o mecanismo da terapêutica sugestiva<sup>8</sup>. O mesmo se pode dizer dos de BERNHEIM, especialmente o seu trabalho sobre sugestão e psicoterapia<sup>9</sup>.

O século XIX se caracteriza na história do hipnotismo pela virulência com que se espalhou pelas principais partes do mundo o estudo científico da hipnose. Os fenômenos da magia e do ocultismo são agora analisados à luz dos conhecimentos e teorias vigentes, por homens de ciência, sobretudo aqueles da área médica. Ao lado de ilustres figuras já citadas, podemos ainda acrescentar: Dr. HIPÓLITO FRANCISCO ÁLVARES (Portugal), 1889, que defende: "para doenças sine matéria remédio sine substantia" AUGUSTO FOREL (Zurich), MOLL e SPERLING - (Alemanha), NOTZING (Munich), Kraft - Ebing (Alemanha).

No Brasil, as idéias obsoletas de Mesmer ainda predominam, trinta e cinco anos após as novas conceituações de Braid. Somente em 1887 as coisas mudam, graças a um professor da Academia Nacional de Medicina, Dr. ÉRICO COELHO. Em 1889, no Rio de Janeiro, no Congresso de Medicina e Cirurgia, ele faz referências à sugestão hipnótica, seguido pelos professores Alfredo Barcelos, Aureliano Portugal e Francisco Fajardo.

Na Bahia, em particular, surgem trabalhos sobre o assunto, comunicados em reuniões ou publicados em revistas médicas.

Vejamos:

1890 - Dois casos clínicos tratados pelo hipnotismo, apresentados na Sociedade Médica da Bahia, publicados na GAZETA MÉDICA, n. 8 - Dr. CORIOLANO BURGOS. - Memória sobre um caso de ASTASIA-Abasia, curado em duas sessões hipnóticas, apresentado no mesmo ano, no terceiro Congresso de Medicina e Cirurgia, pelo Dr. ALFREDO BRITO.

1891 - ALFREDO FERREIRA de MAGALHÃES, a fim de obter o grau de Doutor em Ciências Médico-Cirúrgicas, apresenta à Faculdade de Medicina da Bahia a sua tese sobre o hipnotismo e a sugestão. Foi aprovada com distinção.

No Capítulo XII da sua obra<sup>10</sup>, intitulado Fisiologia do Hipnotismo, ele faz um estudo das principais teorias fisiológicas da época onde se dá muita importância à oxigenação e circulação cerebral (Rumpf, Preyer, Brown, Sequard, Heidenhim), facto que orgulha a Bahia científica.

No século XX, surgiria um novo método para analisar a mente humana: a Psicanálise. O seu genial criador, Sigmund Freud, que inicialmente usava a hipnose, abandonou-a desde os últimos anos do século XIX (1889). Este acontecimento tem gerado até os nossos dias um mal entendido: muita gente tem a impressão de que, após a Psicanálise, a Hipnose ficou obsoleta. Essa conduta do criador da Psicanálise tem sido severamente

crítica, inclusive por KRETSCHMER<sup>11</sup> e KLINE<sup>12</sup>.

Com o advento da Psicanálise, a Hipnose caiu de moda. Nos primeiros anos do novo século, FREUD tornou-se o centro das discussões daquela gente culta da sociedade europeia. É que a Psicanálise, rompendo aquele aglomerado de teorias organicistas, surgia como uma nova esperança na solução de problemas atribuídos às doenças cerebrais. O Hipnotismo despertava medo e desconfiança, ao contrário da Psicanálise onde o cliente só precisaria deitar num divã e associar idéias, contar coisas, lembrar de acontecimentos passados e dos sonhos que teve durante a semana. Ao lado disso, o professor vienense não criara apenas um método psicoterápico, mas algo muito mais amplo, de caráter doutrinário, revolucionário, ameaçando abalar as sólidas estruturas de tradicionais instituições.

O método terapêutico era apenas uma faceta da nova doutrina. Hoje, cinquenta anos após a morte de Freud, uma visão retrospectiva dos diferentes acontecimentos políticos, religiosos, científicos, artísticos e culturais nos mostra claramente a influência por vezes direta, por vezes sutil, da Psicanálise.

De 1900 a 1914, não há movimentos amplos relativos à Hipnose. Evidentemente que pesquisas mais acuradas irão descobrir trabalhos desse período, mas em número mais limitado. Dentre eles, está o trabalho de E. Cové de Nancy, França, sobre a auto-sugestão consciente (1910).

Na primeira Guerra Mundial, a hipnose é reativada, prestando serviços inestimáveis à Psiquiatria de Guerra, pela maior objetividade no tratamento de neuróticos que necessitavam de uma terapia mais rápida. MORAES PASSOS<sup>13</sup> divulga que Freud em sua autobiografia diz que, no exército alemão, a hipnose foi utilizada por SIMMEL, com êxito satisfatório, como processo catártico abreviado.

Novamente um período de retração da hipnose científica, que ressurgiu na segunda Guerra Mundial. Nos fins da década de 30 e começo da década de 40, as atividades hipnológicas se mostram em pleno vigor. O número de publicações é imenso; o número de conclave científicos, também. Nas principais partes do mundo, surge interesse crescente pelo assunto.

Na década de 50, muitas sociedades de hipnologia foram fundadas na Europa, em diversos países da América e no Japão. Participam das mesmas somente médicos, dentistas, psicólogos e, em alguns países, pessoas da área de Filosofia.

A oficialização da hipnologia dentro das ciências médicas, nas Américas, se deu com a criação, em 1960, da Seção de Hipnose Clínica, no âmbito da Associação Médica Pan Americana<sup>14</sup>.

Muito teríamos ainda para dizer. Este pequeno comentário sobre a evolução histórica da Hipnose já fornece, todavia, uma idéia do verdadeiro lugar que ela ocupa. Mostra bem como se desvencilhou da magia e do ocultismo e ocupa um lugar de destaque no meio científico.

É evidente que muita gente não credenciada tem explorado o hipnotismo, tornando-se responsável pela persistência de uma imagem distorcida do mesmo.

## B) EVOLUÇÃO CONCEITUAL

De MESMER aos nossos dias, muita coisa se modificou. Numerosas teorias surgiram para explicar a fenomenologia hipnótica, havendo nesse trajeto verdadeiras revoluções conceituais:

*De 1774 a 1841* - Pontifica o magnetismo. Embora existam diferentes teorias, a conceituação básica é a existência do fluido magnético que o operador transmite para o sujeito e mediante técnicas apropriadas, o controla;

*De 1841 a 1904* - O magnetismo é desacreditado. A conceituação básica é agora de natureza fisiológica. As reações do cérebro e do sistema nervoso do sujeito submetido a estímulos monótonos e repetidos são responsáveis pelo estado hipnótico. Desse modo, o operador nada transmite; manipula e controla as respostas neurofisiológicas do sujeito, utilizando-as convenientemente.

*De 1904 aos nossos dias* - Surgiram muitas teorias para a explicação dos fenômenos hipnóticos, mas uma conceituação básica permanece:

Quaisquer que sejam as explicações dadas, está suficientemente provado ser hipnose um acontecimento de natureza psicossomática.

As teorias, embora muito numerosas e variadas, se fundamentam sempre em mecanismos de predominância somática, psíquica ou mistos. Em 1961, em Nova York, realizou-se um Congresso Internacional exclusivamente sobre o Estudo da Natureza e Teorias da Hipnose. WOLBERG, abrindo o Congresso, procurou enquadrar as diferentes teorias em modelos. MORAES PASSOS divulga isso em seu livro *Hipniatria* (op. cit. n. 13). Os modelos são os seguintes:

- 1 - Modelos Hereditários
- 2 - Modelo Fisiológico
- 3 - Modelo do meio interno
- 4 - Modelo do Aprendizado
- 5 - Modelo Sócio-Cultural
- 6 - Modelo do Desenvolvimento da Motivação
- 7 - Modelo Cibernético.

Este último modelo tem sido adotado com muito entusiasmo em Recife, pelo Dr. Lamartine Hollanda que tem vários trabalhos publicados sobre o assunto, inclusive um livro em colaboração com o hipnólogo ANATOL MILECHININ<sup>15</sup>.

Os modelos conceituais do século XX, embora ainda não representem a verdade última, pois muitos fatos ainda existem sem explicação, têm mais consistência do que os do século passado, uma vez que a tecnologia moderna proporciona objetividade e segurança nas pesquisas.

É evidente que muita gente não credenciada tem explorado o hipnotismo, tornando-se responsável pela persistência de uma imagem distorcida do mesmo.

## **B) EVOLUÇÃO CONCEITUAL**

De MESMER aos nossos dias, muita coisa se modificou. Numerosas teorias surgiram para explicar a fenomenologia hipnótica, havendo nesse trajeto verdadeiras revoluções conceituais:

*De 1774 a 1841* - Pontifica o magnetismo. Embora existam diferentes teorias, a conceituação básica é a existência do fluido magnético que o operador transmite para o sujeito e mediante técnicas apropriadas, o controla;

*De 1841 a 1904* - O magnetismo é desacreditado. A conceituação básica é agora de natureza fisiológica. As reações do cérebro e do sistema nervoso do sujeito submetido a estímulos monótonos e repetidos são responsáveis pelo estado hipnótico. Desse modo, o operador nada transmite; manipula e controla as respostas neurofisiológicas do sujeito, utilizando-as convenientemente.

*De 1904 aos nossos dias* - Surgiram muitas teorias para a explicação dos fenômenos hipnóticos, mas uma conceituação básica permanece:

Quaisquer que sejam as explicações dadas, está suficientemente provado ser hipnose um acontecimento de natureza psicossomática.

As teorias, embora muito numerosas e variadas, se fundamentam sempre em mecanismos de predominância somática, psíquica ou mistos. Em 1961, em Nova York, realizou-se um Congresso Internacional exclusivamente sobre o Estudo da Natureza e Teorias da Hipnose. WOLBERG, abrindo o Congresso, procurou enquadrar as diferentes teorias em modelos. MORAES PASSOS divulga isso em seu livro *Hipniatria* (op. cit. n. 13). Os modelos são os seguintes:

- 1 - Modelos Hereditários
- 2 - Modelo Fisiológico
- 3 - Modelo do meio interno
- 4 - Modelo do Aprendizado
- 5 - Modelo Sócio-Cultural
- 6 - Modelo do Desenvolvimento da Motivação
- 7 - Modelo Cibernético.

Este último modelo tem sido adotado com muito entusiasmo em Recife, pelo Dr. Lamartine Hollanda que tem vários trabalhos publicados sobre o assunto, inclusive um livro em colaboração com o hipnólogo ANATOL MILECHININ<sup>15</sup>.

Os modelos conceituais do século XX, embora ainda não representem a verdade última, pois muitos fatos ainda existem sem explicação, têm mais consistência do que os do século passado, uma vez que a tecnologia moderna proporciona objetividade e segurança nas pesquisas.



O trabalho de PAVLOV, a partir do início deste século, fundamentado em experiências de fisiologia nervosa, no seu laboratório de pesquisas, permitiu desvendar os aparentes mistérios da hipnose. Graças ao estudo que desenvolveu sobre reflexos condicionados, conseguiu esclarecer o mecanismo de indução hipnótica, não deixando dúvidas ser o mesmo um autêntico processo de condicionamento. Os estudos pavlovianos, embora representem um marco decisivo no esclarecimento da fenomenologia hipnótica, se limitaram à área cortical do cérebro. Atualmente, a neurofisiologia já tem maiores possibilidades e inclui nas suas pesquisas a participação do sistema límbico e do sistema reticular mesodiencefálico. Desnecessárias se tornam maiores explicações técnicas e especializadas, uma vez que este trabalho não foi escrito para neuropsiquiatras.

Não há dúvida de que a Hipnose é um fenômeno psicossomático, podendo ser visto sob diferentes enfoques, incluindo o cibernético.

### C) EVOLUÇÃO METODOLÓGICA

Os diferentes procedimentos utilizados em diferentes épocas pelos magos, sacerdotes, magnetizadores, etc., para influenciarem os seus sujeitos ou pacientes, iam da simples fixação do olhar e dos passes, isolados ou combinados, até os mais complicados processos de encantamento que, de certo modo, poderiam ser considerados metodologias indutoras empíricas.

Todavia, somente a partir de Braid, podemos falar em metodologia indutora propriamente dita (1845). Muito antes, entretanto, na fase do magnetismo, houve um vulto a quem já nos referimos anteriormente que esboçou uma metodologia mais avançada (Abade Faria - 1815).

James Braid recusou a idéia de fluido magnético. Estabeleceu uma metodologia indutora, criando um termo novo, neurohipnotismo, que depois seria substituído por hipnotismo. A sua metodologia consiste em provocar cansaço sensorial (sua preferência é o cansaço visual), monoidéismo e monotonia. Desse modo, o paciente entra em um estado de relaxamento, sonolência e hipersugestibilidade.

A metodologia de LIEBAULT (op. cit., n.8) tem como ponto de partida a sugestão verbal, repetida, monotonamente assegurando o monoidéismo. O paciente entra em estado hipnótico que pode ser leve, médio ou profundo. Classificou ele essas nuances, da seguinte maneira:

- |  |                                |
|--|--------------------------------|
| a) <i>Sono ligeiro:</i>                | 1. Sonolência                  |
|  | 2. Sono ligeiro                |
|  | 3. Sono ligeiro mais profundo  |
|  | 4. Sono ligeiro intermediário. |
| b) <i>Sono profundo ou sonambúlico</i> | 1. Sono sonambúlico ordinário  |
|  | 2. Sono sonambúlico profundo.  |

BERNHEIM, fins do século XIX, também coloca toda a importância da indução hipnótica na sugestão verbal. Sua metodologia difere, entretanto, da de Liebault, ao classificar a fenomenologia em duas classes; a primeira se caracteriza pela conservação da memória ao despertar e a segunda, pela amnésia ao despertar. Os fenômenos obtidos são classificados em diferentes graus, nove ao todo, sendo seis contidos na primeira classe e três, na segunda (op. cit., n. 9).

Nos nossos dias existe um apreciável número de metodologias indutoras, podendo os hipnólogos utilizá-las integralmente ou modificá-las, de acordo com as necessidades, criando metodologias mistas. A criatividade poderá levar o hipnologista a fazer a sua própria metodologia. São muito utilizadas as metodologias de DAVIS E HUSBAND, DUPRAT, LECRON E BORDEAU, TORRES NORRY<sup>16</sup>.

As metodologias indutoras se constituem numa espécie de roteiro, de mapa, que assegura ao operador o controle do desenvolvimento do estado hipnótico. Elas incorporam uma série de procedimentos e condutas que constituem a *técnica*, aliados a uma escala avaliativa dos fenômenos obtidos, progressivamente.

Em 1958, foi introduzida no Brasil uma metodologia indutora original: a indução letárgica. Foi seu introdutor o Prof. LUIZ BENJAMIM HENRIQUE RECH, irmão Vitrício, que na Bélgica teria sido aluno do criador da mesma: JANRED. Pertencente à Congregação dos Irmãos Maristas, o irmão Vitrício difundiu por todo o Brasil, através de cursos e conferências, a referida metodologia. Consiste a mesma na indução progressiva e sistematizada de 18 estados de consciência, normalmente seqüenciados e dotados de características próprias. São eles:

1. Obnubilação
2. Adormecimento
3. Insensibilidade superficial
4. Catalepsia rígida
5. Flacidez muscular
6. Insensibilidade muscular profunda
7. Pré-Sugestão
8. Sugestão
9. Insensibilidade visceral profunda
10. Hipnose propriamente dita
11. Regressão no espaço e no tempo
12. Presonambulismo ou procura do ponto
13. Sonambulismo
14. Pré-Transe
15. Transe moderado
16. Transe agitado ou convulsivo
17. Pré-Prostração

### 18. Prostração.

Esses estados são obtidos por técnicas que têm como base toques, sons e posturas. Os toques consistem em pressões digitais sobre determinados pontos do corpo. Os letargistas utilizam os mesmos pontos da acupuntura, embora em número reduzido. É uma ACUPRESSURA.

Não entraremos aqui em detalhes, aconselhando aos interessados as obras de DELGADO<sup>17</sup> e PAULO PAIXÃO<sup>18</sup>.

Essas metodologias indutoras são também terapêuticas. O simples fato de fazer uma pessoa relaxar deflagra uma série de acontecimentos neurofisiológicos responsáveis por um estado de tranquilização, o que já é uma terapia. Existem metodologias mais específicas, terapêuticas propriamente ditas. É o caso da T.T.T. (TERPSICORETRANSETERAPIA) de DAVID AKSTEIN (op. cit., n. 14), psiquiatra brasileiro, hoje conhecido internacionalmente.

### UTILIZAÇÃO DA HIPNOSE

Hipnose é um estado modificado de consciência produzido por técnicas apropriadas ou espontaneamente. Não é sono, como mostram o eletroencefalograma, o reflexo psicogalvânico e outras provas científicas. Existem diferentes estados hipnóticos que se diferenciam entre si, qualitativa e quantitativamente. Para fins práticos, podem se resumir em estado leve ou superficial, estado médio, estado profundo, estado sonambúlico. Há quem prefira o vocábulo transe e assim teremos transe leve, transe médio, transe profundo, transe sonambúlico.

Esses diferentes estados de transe têm sido explorados em demonstrações públicas. Em alguns países, inclusive no Brasil, a partir de Jânio Quadros, ficaram definitivamente proibidos espetáculos de hipnotismo. Trata-se do decreto nº 51 009, de 22 de julho de 1961, publicado no Diário Oficial - Ano C - n. 165, sábado 22 de julho de 1961, página 6 642 que proíbe espetáculos ou números isolados de hipnotismo e letargia, de qualquer tipo ou forma, em clubes, auditórios, palcos ou estúdios de rádio ou de televisão e dá outras providências. Esse decreto também limitou a utilização da hipnose ao médico com curso especializado na matéria.

Em 1966, o presidente Castelo Branco estendeu o uso da técnica hipnológica ao dentista (Lei 5.081 de 24 de agosto de 1966 - artigo 6º - item VI).

O decreto 53 464, de 21 de janeiro de 1964 regulamentando a lei 4 119 de 27 de agosto de 1962, que dispõe sobre a profissão de psicólogo declara no artigo 4º que são funções do psicólogo:

1º - Utilizar métodos e técnicas psicológicas com objetivo de: a) diagnóstico psicológico; b) orientação e seleção profissional; c) orientação psicopedagógica; d) solução de problemas de ajustamento.

Baseando-se neste decreto, aceita-se que o psicólogo possa utilizar a hipnose dentro de determinados limites.

No Brasil, portanto, somente o médico, o odontólogo e o psicólogo podem fazer uso da hipnose. Quem não estiver dentro destas três profissões estará fora da lei, praticando o hipnotismo.

O uso da hipnose para fins recreativos, mesmo onde não há regulamentação oficial, não é visto com bons olhos e tende a desaparecer.

O uso empírico do hipnotismo através dos tempos e ainda nos nossos dias é muito frequente, embora seja o mesmo empregado sob outras denominações por curandeiros e demais manipuladores de exorcismos e encantamentos.

A Parapsicologia também faz uso da hipnose, com freqüência, nas suas pesquisas. Por esse motivo, é frequente muitas pessoas de nível cultural razoável confundirem hipnose com telepatia, clarividência, etc.

A utilização racional das diferentes metodologias hipnóticas, nos nossos dias, se faz em três áreas principais: Odontologia, Medicina e Psicologia.

Hipnodontia é o vocábulo utilizado para indicar o emprego da hipnose em odontologia o que já constitui, atualmente, uma especialização. O criador do termo, original norte-americano, *HYPNODONTICS*, foi o DR. AARON A. MOSS, D.D.S. que assim a define:

"Hipnodontia é o ramo da ciência dental que trata da aplicação da sugestão controlada e da hipnose à Odontologia"<sup>19</sup>.

Não se trata simplesmente de extrair dente sem dor, usando anestesia hipnótica, mas do uso racional da metodologia numa ampla faixa de indicações. O próprio Moss esclarece: o uso da hipnodontia tem duas aplicações:

#### A) *TERAPÊUTICA HIPNODÔNTICA*

1. Relaxação do paciente
2. Eliminação dos temores do paciente e sua ansiedade em torno do tratamento
3. Eliminação de toda objeção ao tratamento necessário
4. Manutenção da comodidade do paciente durante longa e árdua operação
5. Adaptação à aparelhagem ortodôntica e protética.

#### B) *USO OPERATÓRIO*

1. Anestesia ou analgesia
2. Amnésia para intervenções desagradáveis
3. Substituição ou complementação de premedicações como anestesia geral
4. Prevenção de vômitos ou náuseas
5. Controle da salivação

## 6. Controle de hemorragias.

A importância da hipnodontia se torna cada vez maior, à medida que a odontologia se enriquece mais com as contribuições da psicossomática. Há hipnodontistas que nos seus trabalhos revelam conhecimento seguro de psicologia e psicanálise. É o caso de SHAW<sup>20</sup>.

É oportuno lembrar aqui que a hipnodontia é disciplina ensinada na Faculdade de Odontologia da Bahia. Seu professor é o Dr. GIUSEPPI MAZZONI.

A HIPNOSE MÉDICA e a ODONTOLÓGICA conquistaram credibilidade e, graças a elas, a atividade hipnológica é oficialmente aceita nos principais países do mundo.

Nas diferentes áreas médicas, o uso da hipnose tem crescido cada vez mais: na clínica geral, na cirurgia, na dermatologia, na oftalmologia, na otorrinolaringologia, na ginecologia, na obstetrícia, na proctologia, etc.

Em psiquiatria, o seu uso vem aumentando cada vez mais. Já em 1955, 23 de abril, a British Medical Association publicou um relatório sobre o assunto, achando a hipnose de utilidade em qualquer condição onde a psicoterapia pode ser usada; em 19 de fevereiro de 1961, a Comissão de Terapêutica da American Psychiatric Association publicou seu posicionamento diante da hipnose, considerando-a de grande valor na Psiquiatria e em outras áreas. Entrou em detalhes, interessando-se pelo uso correto e adequado da mesma, fazendo recomendações específicas aprovadas pelo seu conselho. Um relatório oficial da OMS sobre saúde mental (EISENBERG) diz: o avanço de psiquiatria moderna deve-se "às atuais investigações bioquímicas sobre a etiologia das doenças mentais e, no campo terapêutico, às aplicações das mais recentes técnicas hipnoterápicas na cura dos pacientes".

Há profissionais que fazem restrições e criticam o uso da hipnose em psiquiatria. Estão divididos em dois grupos: os atualizados, que fazem restrições puramente teóricas, porque não têm vivência metodológica e os desatualizados que estão completamente desinformados, embora possam ser brilhantes e competentes em outras áreas. Em virtude dessa carência informativa, continuam repetindo que hipnose é coisa antiga, pertence ao passado, é medicação sintomática, não cura porque não atinge as causas profundas no inconsciente e, além disso, Freud que a utilizava abandonou-a, substituindo-a pelas técnicas psicanalíticas. Esses conceitos são obsoletos, datam de 1889. O Prof. MILTON KLINE, Ph. D., universidade de Long Island, hipnólogo, escreveu *Freud and Hypnosis* (op. cit., n. 12) onde analisa os trabalhos de Freud, que revelam não ser o gênio da psicanálise também gênio da hipnose, tendo cometido várias falhas na sua metodologia atribuindo os desacertos ao método e não a si próprio. Analisando as possibilidades atuais, favorecidas pelas novas tecnologias e novos

conhecimentos conclui: a hipnose do tempo de Freud está para a hipnose dos nossos dias como a física de NEWTON está para a de EINSTEIN.

O fato de saber hipnotizar muito bem não transforma ninguém em terapeuta. É preciso sê-lo antes, para poder tratar alguém por esse meio. Muitas pessoas, incluindo muitos médicos, pensam que hipnoterapia se resume em dois procedimentos: 1 - hipnotizar e dar sugestões removendo os sintomas; 2 - fazer o paciente regredir para descobrir a causa dos seus males. Ingênua simplicidade. Afirmávamos em 1988<sup>21</sup>.

O tratamento por hipnose é, quase sempre, tratamento sob hipnose. Uma vez colocado o cliente em estado hipnótico, o terapeuta passa a manipular a técnica ou as técnicas de sua preferência, de acordo com sua formação especializada. Temos assim, por exemplo:

1. Terapia comportamental
2. Hipnoanálise
3. Hipnografia
4. Hipnoplastia
5. Hipnodrama
6. Hipnossíntese
7. Análise transacional
8. Desativação de sintomas.

Cada item acima mencionado é rico de variedades técnicas. Todas elas utilizam a palavra como veículo principal de comunicação. Ainda existem outras técnicas conhecidas como terapias não-verbais onde se procura levar o paciente a níveis primitivos, excluindo as funções corticais mais elevadas relacionadas com a linguagem e com o pensamento lógico. Entre as terapias não-verbais, merece destaque especial a TERPSICORETRANSE-TERAPIA (abreviadamente T.T.T) de David AKSTEIN, que visa regredir o paciente a uma situação arcaica, liberando as suas emoções tensionais sob controle. A técnica reproduz uma sessão de umbanda sem a presença de qualquer componente místico-religioso.

A hipnoterapia tem indicação ampla nas neuroses. Nas psicoses não é habitualmente utilizada, embora nos Estados Unidos da América do Norte existam hipnoterapeutas que o façam.

No VII Congresso Panamericano de Hipnologia e Medicina Psicossomática, VII Congresso Brasileiro de Hipnologia, I Congresso da Sociedade Mineira de Hipnologia, que ocorreram paralelamente em Belo Horizonte em 1982, apresentei um relatório da minha experiência pessoal:

Utilizei técnicas hipnóticas em situações psiquiátricas de predominância neurótica, de 1954 a 1979 (vinte e cinco anos) com os seguintes resultados:

374 casos de recuperação total  
237 casos de recuperação parcial  
115 casos sem resultados.

TOTAL - 726

## VISÃO ATUAL DA HIPNOSE NO BRASIL (SÍNTESE)

Ficou bem claro o posicionamento sério, científico, que a Hipnose ocupa em diferentes partes do mundo, inclusive no Brasil. Estas considerações finais seriam evidentemente dispensáveis não fosse o desejo de enfatizar mais de perto a prata da casa.

As idéias preconceituosas e distorcidas sobre o hipnotismo nos meios universitários brasileiros diminuíram, persistindo somente focos de resistência, a partir de 1956. Naquele ano, veio ao Brasil o hipnólogo argentino TORRES NORRIS, a convite do Dr. DAVID AKSTEIN, ministrar cursos de hipnose no Rio de Janeiro, para médicos e odontólogos, contando com a aprovação da Associação Brasileira de Odontologia, do Sindicato dos Odontologistas, e dos Ministérios da Saúde e da Educação.

Esses cursos demonstrando técnica e praticamente ser a hipnose um fenômeno neurofisiológico, um tanto difícil para um leigo entender, mas relativamente fácil para um profissional da área de saúde compreender, representaram o esclarecimento adequado e objetivo de que precisavam os mencionados profissionais.

Em 1957, foi fundada no Rio de Janeiro, a Sociedade Brasileira de Hipnose Médica.

Em julho de 1961, realizou-se também no Rio de Janeiro o I Congresso Brasileiro de Hipnologia, simultaneamente com o I Congresso PAN AMERICANO DE HIPNOLOGIA e a II Reunião da Sociedade Internacional de Hipnose Clínica Experimental.

Esses conclave foram realizados na Faculdade Nacional de Medicina e, no dia seguinte ao do término dos mesmos, o Presidente da República, Jânio Quadros, promulgou o decreto 51.009, já comentado anteriormente.

O II Congresso Brasileiro foi em João Pessoa, em 1971, com a presença, inclusive, de hipnólogos estrangeiros da mais alta conceituação, como, o Dr. LANGEN, Presidente da Sociedade Internacional de Hipnose Clínica e Experimental. O III foi no Rio de Janeiro (agosto de 1973); o IV foi em Belém do Pará (junho 1975); o V, no Rio de Janeiro (1977); o VI, em Salvador (agosto 1980); o VII, em Belo Horizonte e, continuando, chegamos ao X, em Goiás, outubro de 1988.

Outros congressos além do Brasileiro entre eles, Norte-Nordeste de Hipnologia que se realizou pela primeira vez em maio de 1973 no Ceará, em Fortaleza, promovido pela Sociedade Pernambucana de Hipnose Médica, Sociedade Cearense de Hipnose Médica, Centro Médico Cearense e Sindicato dos Odontologistas do Ceará.

Em Caxambu, Minas Gerais, vem se realizando anualmente, em setembro, patrocinado pela Associação Brasileira de Cirurgia Oral, o Congresso Mineiro de Hipnose e Medicina Psicossomática. Em 1990, deverá realizar-se o VI. Muitos trabalhos interessantes têm sido apresentados nesses en-

contros, a exemplo de:

- A hipnose do dia a dia, no consultório odontológico - Dr. MILTON RICARDO SARAIVA - Fortaleza, Ceará.
- Fundamentos da Psicobiologia na prática odontológica - Prof<sup>a</sup>. MARIA EUGÊNIA TOLLENDAL - Barbacena, MG.
- Hipnose e Obesidade - Dr. ROMEU TEIXEIRA DA SILVA - Belo Horizonte, MG.
- Hipnoterapia Polidimensional GEORGE ALAKIJA - SALVADOR - BA.

Seria exaustivo citar congressos, jornadas, simpósios e outros eventos sobre o assunto, que se realizam em número crescente.

No Norte/Nordeste não houve uma influência tão forte da reflexologia, como no sul. Houve aqui predominância de metodologias mais psicológicas e acentuada influência do modelo conceitual cibernético do psiquiatra pernambucano Lamartine Hollanda.

Em Salvador, desde 1954 que utilizávamos técnicas hipnóticas, *nos casos indicados*, e chegamos, através da imprensa, a fazer matérias esclarecedoras, como por exemplo, no DIÁRIO DA BAHIA:

I - Valor real do hipnotismo (30.04.57); II - Valor real do hipnotismo (01.05.57); III - Valor real do hipnotismo (07.05.57); - IV - Valor real do hipnotismo (09.05.57). Escrevemos, também no mesmo ano, no mesmo jornal, artigos sobre hipnoanálise e regressão. No dia 29 de abril de 1960, na Reunião Ordinária da Seção de Neuropsiquiatria da Associação Bahiana de Medicina, apresentamos a seguinte comunicação: *O papel atual da hipnose em Clínica Psiquiátrica*.

Em 1957, chega à nossa Cidade o Prof. KARL WEISSMANN que dava espetáculos teatrais de hipnotismo (ainda não havia proibição). Não era ele um simples homem de palco, mas, psicólogo da Penitenciária de Neves, em Minas Gerais, e portador de um nível cultural apreciável. Ao lado da atividade de palco, ministrou cursos de hipnose, para leigos e profissionais, desfazendo assim aquelas conceituações errôneas, místicas e fantasiosas. Não era reflexologista; divulgava teorias psicológicas de predominância psicanalítica.

Fora da bibliografia, é frequente ocorrer a omissão de algum nome, e o injustiçado nem sempre perdoo. Reproduzimos, portanto, o que diz LAMARTINE HOLLANDA em um dos seus livros (op. cit., n.15).

"Tal escola NORRY - PAVLOVIANA muito marcou os hipnólogos paulistas (Álvaro Badra, A.C. de Moraes Passos, Osmar A. Faria, Oscar Farina, Edmundo Maia, Jefferson Gonzaga, Raul Eitelberg, Ervim Wolfenbuttel, Isac Guz, Eloy Teixeira e muitos outros), assim como guanabarinós (Fernando Negrão Prado, David Akstein, Miguel Callile Junior, Sanio Schwartz,



Moysés Amaral, Antônio de Castro Monteiro, Enio Lima, Maria Luiza Lima, Luiz Machado Lomba e outros).

Mais adiante continua Lamartine:

"No Norte e Nordeste do Brasil a Hipnologia tem história própria onde, entre outros, se destacam os Drs. Wilson Amanajás, Francisco Gemaque, Albertino Bastos, João Feio, no Pará, Ivan César, no Ceará, Maria de Lourdes Britto, na Paraíba, Diniz Delgado Pipolo, no Rio Grande do Norte, Osvaldo Monteiro Filho, no Piauí, Osvaldo Leal, George Alakija, Alaor Coutinho, Giuseppe Mazzoni, Eliezer Mendes, na Bahia, além da escola de Recife, já mencionada".

Por escola de Recife refere-se ao GEPP (Grupo de Estudos Psicológicos e Psiquiátricos) e ao Instituto de Hipnologia, sob sua orientação.

O Dr. Lamartine deixou de citar em sua lista o nome do Dr. Grimaldo Andrade Souza que, excelente profissional, tem se destacado no emprego da hipnose em Proctologia, na Bahia.

Atualmente no Brasil, portanto, a hipnose, por lei, é assunto restrito às áreas médica, odontológica e psicológica. Há quem ache haver muita severidade nisso, bastando que se punisse quem utilizasse a hipnose como tratamento, sem ser médico. Utilizá-la fora das áreas mencionadas não deveria constituir procedimento pecaminoso. Este assunto é referido num livro de Paulo Paixão (op. cit., n.18), no sétimo capítulo: HIPNOTISMO NO BRASIL.

Mas, certo ou errado, é lei.

Pesquisas parapsicológicas, ajudas pela hipnose, têm sido feitas por um grande número de pessoas não habilitadas, curandeiros, charlatães, usando títulos pomposos sem nenhum valor, mas que impressionam muita gente mal informada. Essa atividade marginalizada nada tem a ver de sério com hipnologia.

Essa subatividade não deve ser confundida com o trabalho de profissionais que fazem pesquisas sérias, no campo da parapsicologia.

Enfim, a despeito de divergências de posicionamento conceitual e metodológico, a hipnose no Brasil está no caminho certo, não deixando lugar para falsas concepções que só continuam existindo entre aqueles que têm preguiça de ler.

Como dissemos no início, os fenômenos hipnológicos pertenceram aos deuses, ao diabo, aos astros, ao homem e, finalmente, à Ciência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. FAJARDO, F. *Tratado de Hipnotismo*. Rio de Janeiro: Laemmert e comp. 1986.
2. PRADO, F. N. *Pesquisa sobre as versões cuneiformes sumério-âcades do poema épico de gilgamesh correlacionado à hipnose e à medicina psicossomática*. Rio de Janeiro, 1980. xerog.
3. \_\_\_\_\_. *História da Hipnologia na Mesopotâmia*. São Paulo: 1984, 2v. xerog.
4. ALAKIJA, G.. A hipnose através dos tempos. *Boletim do Hospital Juliano Moreira*. Salvador, n. 43/54, p. 4-33, jan/jun, 1959.
5. MONIZ, E. *El Abate Faria en la história de la hipnosis*. Buenos Aires: Editorial Poblet, 1960.
6. ESDALLE, J.. *Hypnosis in medicine and surgery*. (Mesmerism in India). New York: The Julian, 1957.
7. LAFONTAINE, C.. *L'art de magnétiser*. Germer Balliere: Londres, 1960.
8. LIEBAULT, A.A.. *Thérapeutique suggestive: son mécanisme*. Paris: Octave Doin, 1891.
9. BERNHEIM, H.. *Hypnotismo, Suggestion, psychotherapie*. Paris: Octave, Doin, 1891.
10. MAGALHÃES A. F.. *O hypnotismo e a sugestão*. Bahia: Imprensa Econômica, 1891.
11. KRETSCHMER, E.. *Estudios psicoterapêuticos*. Madrid: Editorial científico.
12. KLINE, M.. *Freud and hypnosis*. New York, The Julian Aess Inc. and the Institute for research in hypnosis publication society, 1958.
13. MORAES PASSOS, A. C.. *Hipnatria*. São Paulo: Gráfica Cairu. 1975.
14. AKSTEIN, D.. *Hipnologia*. Rio de Janeiro: Hypnos. 1973.
15. HOLLANDA, L., MILECHININ, A.. *Cibernética dos estados emocionais (hipnose moderna)*. São Paulo: Pensamento, 1973.
16. FARIA, O. A.. *Manual de hipnose médica e odontológica*. Rio de Janeiro: Atheneu, 1958.
17. DELGADO, A. J.. *A letargia*. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1960.
18. PAIXÃO, P.. *Letargia e hipnose sem magia*. 2.ed. São Paulo: Organização Andrei, 1988.
19. MOSS, A. A.. *Hipnodoncia o hipnosis en odontologia*. Buenos Aires: Mundi, 1961.
20. SHAW, S. I.. *Clinical applications of hipnosis in dentistry*. W. B. Saunders Company, Philadelphia, 1959.
21. ALAKIJA, G.. Hipnose e Psiquiatria: visão atualizada. Salvador, *Jornal A Tarde*, Salvador, 18 dez. 1988, p.6, c.2.